

A Cidade

13/1/1985

TROPA DE CHOQUE DA POLÍCIA MILITAR DISSOLVEU PIQUETES DOS BÓIAS-FRIAS GREVISTAS

GUARIBA-SP (AJB) — Cerca de 500 bóias frias, em greve, em Guariba, entraram ontem em confronto, durante três horas, com mais de 150 soldados da tropa de choque da Polícia Militar. A golpes de cassetete e bombas de gás, os policiais impediram a formação de piquetes, que se destinavam a evitar a saída de caminhões com trabalhadores para as usinas da região. Cinco policiais saíram feridos — um deles com fratura em uma costela — e 15 trabalhadores foram detidos para averiguações, entre eles quatro menores.

Em clima tenso, os bóias frias apedrejaram veículos, dois caminhões, viaturas policiais e um ônibus de turismo. Chegaram, também, a atear fogo num canavial da Usina São Carlos, controlado em seguida. No confronto, alguns policiais dispararam tiros para o alto. Os bóias frias responderam com pedradas a ação policial, o que provocou o uso de bombas de gás. Durante três horas, policiais e trabalhadores disputaram o controle do espaço em frente ao Bairro João de Barro, na entrada de Guariba e próximo a rodovia que liga esta cidade a Jaboticabal. Nesse bairro moram 2 mil dos 6 mil bóias frias de Guariba.

Não houve feridos graves no confronto de ontem, ao contrario do dia anterior quando sete pessoas foram baleadas em tumultos semelhantes na cidade de Sertãozinho. A orientação da Polícia Militar e da tropa de choque, ontem, foi a de impedir a formação de piquetes e garantir o livre trânsito aos caminhões com bóias frias que quisessem trabalhar. Essa medida surtiu efeito nas cinco cidades atingidas pela greve — Guariba, Jaboticabal, Barrinha, Sertãozinho e São Joaquim da Barra. A exceção de Guariba e Jaboticabal, não houve incidentes nas demais cidades.

Todos os pontos de piquetes foram ocupados pela tropa de choque desde as quatro horas da manhã de ontem. As 6 horas, a violência explodiu no Bairro João de Barro, em Guariba.

Com três caminhões (dois espinha de peixe e outro de transporte de tropas), a Polícia Militar investiu contra os manifestantes com cassetetes e bombas de gás. Os PMs invadiram as ruas do bairro, perseguindo grevista e foram recebidos a pedradas. A polícia atingiu vários bóias frias com golpes de cassetete.

Grupos de soldados da tropa de choque golpearam com cassetetes, o secretário geral da CUT, em São Paulo. Oswaldo Bargas e o coordenador local da Comissão Pastoral da Terra, padre José Domingos Bragheto, que apoiam o movimento. Atingiram também o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, José de Fátima, cujo mandato não é reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Os bóias frias responderam com pedradas e os policiais passaram a usar bombas de gás. Alguns policiais deram tiros para o alto.

As 9 horas, quando viaturas da tropa de choque se afastaram do local, os manifestantes saíram do bairro e invadiram a rodovia. Eles improvisaram uma barreira no trevo da cidade, destruíram uma placa indicativa de sinalização e apedrejaram os veículos que passavam pela estrada. Dois caminhões de adubo foram apedrejados, mas conseguiram passar. Um ônibus de turismo aproximou-se lentamente, mas o motorista não conseguiu convencer os manifestantes a deixá-lo passar. Os bóias frias pararam o ônibus, obrigaram a descida de alguns passageiros, inclusive mulheres e crianças e começaram a apedrejar todos os vidros do lado direito.

Ao mesmo tempo, grupos de jovens e, crianças começaram a atear fogo num talhão (um dos trechos que se divide o canavial) da Usina São Carlos ao lado da estrada. Crianças recolheram palha seca e em vários pontos do "talhão" iniciaram o incêndio. Um caminhão bombeiro da usina tentou aproximar-se do fogo, mas foi obrigado a recuar: os bóias frias na curta distância, destruíram, com pedras, todo seu parabrisa e ameaçaram seus ocupantes.

As 9h30m., a tropa de choque fez uma manobra de cerco a esses manifestantes e, numa rápida carga com um caminhão de policiais, liberou a estrada. Os bombeiros da usina passaram em seguida a apagar o fogo com uso de um canhão de água sobre outro caminhão tanque. No início da tarde, a situação acalmou-se. As pedras diminuíram e os policiais evitaram novos choques.

JABOTICABAL

Em Jaboticabal, um piquete provocou, as 16 horas de anteontem, ferimento grave no motorista de caminhão Roberto Cardoso da Mota, que não transportava bóias frias, mas um carregamento de iogurte. Uma pedra lançada pelos piqueteiros atingiu a testa de Roberto, que sofreu afundamento craniano e foi levado por policiais para o Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto. Ontem também houve violência na dispersão de um piquete em Jaboticabal, mas sem feridos.

A ordem da polícia, de impedir qualquer aglomeração de bóias frias ou formação de piquetes, ontem, foi emitida pela Secretaria da Segurança do Estado, informou o tenente coronel Sebastião Carvalho, comandante do policiamento. Apesar do trânsito liberado, muitos bóias frias acabaram não trabalhando ontem. O movimento de caminhões de transporte de trabalhadores foi menor que o normal em Barrinha e em Guariba.

Apesar do fracasso dos piquetes ontem, os dirigentes sindicais e a Secretaria do Trabalho informaram que houve greve em mais três cidades até então não atingidas pelo movimento: Brodosqui, Orlândia e Guará.

SEM CONTROLE

Os líderes da greve dos bóias frias da região de Ribeirão Preto admitem que perderam o controle do movimento e estão a procura de uma fórmula que permita a aprovação do retorno ao trabalho em suas assembléias. Tanto as lideranças vinculadas a Central Única dos Trabalhadores — CUT (e ligada ao PT) como a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado — FETAESP — são favoráveis ao fim da greve.

O presidente da FETAESP, Roberto Horiguti, desde O início do movimento, em Guariba, lamentou sua "inoportunidade" por ter sido deflagrada no período de entressafra.. Mesmo assim, ele e seu grupo — ligados ao PMDB — apoiaram e incentivaram o movimento em Barrinha e em outras cidades. Ontem, Horiguti afirmou: "se duas pessoas levantassem o braço contra a greve nas assembléias, nós reveríamos nossa posição. Isto não tem acontecido e temos que continuar em greve". Embora favorável ao fim do movimento, Horiguti diz que os líderes estão obrigados a seguir as decisões das assembléias — em que grande parte dos presentes é composta por desempregados — já que a continuidade da greve sempre é decidida por unanimidade.

O secretário geral da CUT em São Paulo, Oswaldo Bargas, vinculado ao PT, chegou a defender a aprovação do retorno ao trabalho na assembléia da última sexta-feira, em Guariba. Ele propôs aos bóias frias a aceitação de uma proposta do prefeito de Guariba, Evandro Vitorino (PMDB), que sugeriu a criação de frentes de trabalho de emergência, ainda que com sacrifício dos cofres municipais, em troca de uma "trégua de quinze dias".

Bargas encaminhou essa proposta e a defendeu, mas ela foi rejeitada pela assembléia da última sexta-feira onde estavam cerca de 1 mil dos 6 mil bóias frias de Guariba. Ontem, Bargas disse que não tem mais condições de apresentar aos trabalhadores nova proposta de fim de greve sem que surjam fatos novos para serem apresentados em assembléia.

Em suas reuniões de avaliação, as duas correntes que disputam a liderança dos bóias frias vêm o movimento num impasse. Não vislumbram possibilidades concretas de atendimento das reivindicações e constata o esvaziamento da greve, segundo admitem, ao mesmo tempo, chegam a ficar surpresos com a sequência de paralisações em novas cidades, como as de ontem em Brodosqui, Guará e Orlândia, que poderão obrigá-los a manter o movimento por mais alguns dias.

SUSPENSA A GREVE EM GUARIBA

No final da tarde de ontem, cerca de 700 trabalhadores de Guariba decidiram suspender a greve até o próximo sábado, dia 19, quando será realizada uma nova assembléia. A suspensão foi aprovada, por unanimidade, tendo em vista o início das negociações, amanhã, entre a Federação dos Trabalhadores na Agricultura e a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo. A proposta de suspensão do movimento foi encaminhada pelo diretor estadual da CUT, em São Paulo, Oswaldo Bargas, e pelo presidente do Sindicato cal de Guariba, José de Fatima.

SEM GRANDES PREJUÍZOS

As usinas de açúcar e álcool da região de Ribeirão Preto não estão tendo prejuízos significativos com a greve dos bóias frias. No atual período de entressafra (novembro a maio), a maioria delas já não estava mais funcionando antes mesmo do início do movimento e só deverá voltar a operar no final de abril próximo.

Esta análise foi feita, na última semana, tanto pelo presidente da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado (FETAESP, Roberto Horiguti — um dos líderes do movimento —, como pelo diretor regional da Secretaria Estadual do Trabalho em Ribeirão Preto, Evaldo Custódio.

No período de entressafra, as principais atividades dos bóias frias são o plantio de canas novas (em apenas 10 a 20% da área total das propriedades) e tratamentos culturais, isto é, roçado de terra, limpeza dos canaviais, etc. Esta informação é do presidente do Sindicato Rural de Ribeirão Preto, Joaquim Augusto Azevedo Souza, que cultiva em suas terras cana, feijão e frutas.

Outros dirigentes do Sindicato Rural de Ribeirão Preto admitiram que o trabalho nos canaviais durante a entressafra poderia ser feito sem dificuldades com muito menos trabalhadores que os atuais. Joaquim Azevedo Souza observou, na semana passada que os proprietários de canaviais (fornecedores e usineiros) só não dispensam mais trabalhadores "para evitar um problema social maior".

A situação atual da greve é bastante distinta da de 1984, que projetou Guariba como o novo centro do sindicalismo rural brasileiro. No ano passado, a greve começou em maio, no início da safra, período em que as usinas mais precisam do fornecimento de cana para produção de álcool e açúcar. Normalmente, as usinas da região operam de maio a novembro ou dezembro. De janeiro até o final de abril, elas são desativadas e desmontadas para manutenção.

(Primeira página)